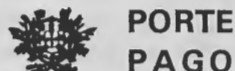


Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 22 de Novembro de 1986 * Ano XLIII — N.º 1114 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

TRIBUNA DE COIMBRA

O Senhor Bispo de Coimbra nomeou uma comissão para orientar as comemorações do centenário de Pai Américo, na Cidade. Disse uma palavra, muito íntima e profunda, como entendia que deveriam ser as comemorações-celebrações: muito espirituais e a nível do coração e da alma de todos. Que todos se sintam com lugar de participantes.

Disse, ainda, uma ideia que tivera antes: o primeiro encontro, já no princípio do próximo ano, ser feito pelas instituições e grupos a quem Pai Américo mais se deu ou que dele mais tenham recebido. Cada um com sua presença espontânea. Cada um no lugar que entende que é o seu.

Todos devemos querer que seja um ano de festa em Família. Que não haja estranhos. Que não haja convidados. Que

cada um se sinta da festa. Que cada um aproveite e que Deus seja louvado nos seus santos.

Que os mais pobres se sintam mais abrigados na sua pobreza e sintam o bafo quente de todos os outros que se sentem da mesma Família. Que todos se sintam irmãos.

Que os desabrigados possam ter confiança num futuro abrigo. Que os casais desfeitos possam reencontrar-se no amor. Que os filhos abandonados possam encontrar o colo dos pais. Que os sem trabalho possam ter esperança de o encontrar. Que os salários atrasados não sejam mais suplicio para os que esperam. Que todos se sintam irmãos e se ajudem como tal. Que nos sintamos todos irmanados neste clima.

Padre Horácio

SETÚBAL

N. da R. — Eis o recado do Padre Acílio (em merecidas férias) que serviu de companhia ao «Setúbal»:

«Destas terras algarvias mando um pequeno naco de prosa para O GAIATO.

O Pai do Céu tem sido tão bom para comigo! Aqui é pleno Verão! Água a 19 e 20 graus. Um sol das onze às três da tarde que é uma delícia! Umas noites sossegadas. Uma capela muito pertinho do meu quarto. Uma companhia de Amigos, extraordinária! E tudo de graça! Como é bom ser pobre!»

Entre as figuras humanas que dão beleza e variedade ao Calvário destaca-se o Albino, pela sua candura e inocência.

O Albino é um homem com a idade compreendida entre os quarenta e os quarenta e cinco anos, de estatura um pouco abaixo da média, magro, de cara afilada e cabeça meio calva.

A barba, feita de oito em oito dias, é rala e meio ruiva. Os olhos são serenos e límpidos. O aspecto é franzino.

Usa uns suspensórios apertados que lhe colam as calças ao corpo. A característica que o subtrai à vulgaridade é o seu diminuto desenvolvimento psicológico. Com aquela idade, este homem tem a maturidade de uma criança de ano e meio. Não controla perfeitamente os movimentos, tem enorme dificuldade em realizar as tarefas mais simples e a sua capacidade de atenção é quase nula.

Não aguenta quase nenhum tempo a apanhar as folhas polícrómicas dos carvalhos e das tileiras que, nesta época, todos os dias, tapetam as lindas avenidas e são a tarefa diária de outros doentes.

Outro dia, levei-o comigo a descamisar espigas do milho da quinta de Beire, empilhadas, em alto morro, na casa da eira. Outros doentes e rapazes nos acompanharam. O Albino não descamisou mais que dez espigas, no espaço de cinco horas, e mal começou o trabalho mostrou logo vontade de se retirar. Arrancava um folhelho de cada vez e começava sempre pelo lado mais difícil: o pé da espiga.

O seu regalo é passear, sozinho, nas avenidas rodeadas de árvores frondosas e folhagem verde-roxa. Estou a vê-lo de mãos atrás-das- costas, em passitos curtos e ar absorto. De vez em quando chora pela mãe: — Ai, ma... ma... mãe! É uma lenga-lenga comprida que só os experientes compreendem. É um lamento monótono de dois ou três minutos e, em certos dias, muito repetitivo. Pergunto-lhe para me deliciar com a sua inocência infantil:

— Que tens tu Albino?
— É ma... ma... mãe!...

— Queres a tua mãe?
— Queu... queu... queu...

E, sorrindo, corre para mim; embebecido, aguardando um carinho.

— Então vou levar-te à tua mãe.

— Nã... nã... nã... nã! — responde em choro e lágrimas.

O Albino não quer ir para a mãe. As trágicas recordações do seu passado, materializando a ideia da mãe concreta, repelem-no instintivamente, mas a ideia da criança suspirando pela mãe ideal baila-lhe sempre no subconsciente: — Ma... ma... mãe!

É tão terno e tão doce o choro do Albino!

Este homem-criança exala uma inocência que nos envolve e atrai.

Padre Acílio

NOTAS DO TEMPO

■ As nossas quintas são o campo de experiência. Em quase todas elas estamos virados sobretudo para a pecuária; e, naturalmente, nem sempre os animais gozam de boa saúde. Há que recorrer à presença do veterinário. Em duas das nossas Casas temo-la graciosamente por benevolência do dito. Mas onde tal não sucede, a continha que vem depois — visita e remédios receitados — não digo que seja outra doença, mas para lá caminha. E digo-o, principalmente, a pensar no pobre lavrador cuja cabecita de gado bovino mai-los porquitos e galinhas que vai criando, são o esperançoso pulmão de uma economia que transborda um nadinha da pura subsistência. Para esses é mesmo uma doença! Quantas vezes aí aparecem deles, pedindo ajuda para colmatar a brecha aberta pela perda de uma peça de gado que era a sua melhor expectativa e se transformou em derrocada.

Não é a primeira vez que aqui acusamos esta realidade e sugerimos que a medicina ve-

terinária não seja mercantilizada, como medida de apoio à lavoura, nomeadamente a mais pobre e sacrificada. Trata-se de uma assistência que havia

de ser gratuita, ao menos nestes casos (já não falo das grandes explorações pecuárias de dimensão industrial) incluindo a bonificação dos medicamentos.

Evitaria o recurso aos «entendidos» que, com a sua preparação feita só de experiência,

Cont. na 4.ª pág.



Em quase todas as nossas quintas estamos virados sobretudo para a pecuária

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

VACARIA — Nasceram mais dois vitelos.

E assistimos a vaca e o filho a partir da meia-noite, quando o primeiro nasceu. Depois, limpámo-lo bem e demos de beber o leite de sua mãe.

Passado mais uns dias nasceu outro, ao qual ninguém assistiu ao parto, pois foi no meio da noite e ninguém estava prevenido.

Passado pouco tempo veio a notícia que andava no largo, junto à Capela! O chefe-maioral foi buscá-lo para junto da mãe. Que alegria!

OBRAS — Mais uma vez se anda com obras!

Modificou-se uma parte da corte dos porcos que, agora, é depósito de leite para servir as pessoas da nossa zona.

Depois, foi a pintura daquela secção e dos dormitórios.

A restauração dos nossos quartos era necessária para nos sentirmos mais ambientados.

A remodelação da Capela: limpar as telhas e caí-las.

Os bancos foram feitos com o nosso suor, para que tenhamos um lugar para nos sentar. Muitas pessoas ficavam em pé porque já não davam para tanta gente!

Foi trabalho até às tantas da noite para que no dia seguinte estivessem prontos. Não podíamos perder muito tempo, pois temos que fazer as encomendas que nos são entregues — para termos o bom fruto do nosso dia-a-dia.

«Toninho»

Setúbal

AULAS — Nem todos tiveram um começo normal. Na Escola Secundária da Bela Vista, em Setúbal, muitas são as turmas atingidas por esta infelicidade. Contudo, sabendo que há alunos desinteressados, outros há que precisam delas por causa do seu futuro.

É muito triste acontecerem coisas desta índole! Já no ano transacto a mesma Escola apresentara o mesmo problema: excesso de alunos, instalações deficitárias, etc.

Porém, quem sofre... sofre. Os nossos rapazes ficam esperando por melhores dias. Que seja breve o começo!

CASAMENTO — O Tonito casou, na Capela da nossa Casa, em 20 de Setembro, ao meio-dia. Um dia de festa, não há dúvida. A curiosidade maior: os mais pequenos espantados com tudo o que viam.

Enfim, um dia fora do comum. É raro acontecer, nestas paragens. Da nossa partê, resta desejarmos muitas felicidades e creio que os leitores desejam o mesmo.

FUGITIVOS — Inexplicável, mas não é raro acontecer. Temos sido devastados por ondas de fugitivos. Como os tempos que correm estão bons, eles lá vão, confiantes na vida

«fácil», isto é: emprego e dinheiro.

O engano lá se encarrega. Os mais velhos dizem: «Muitas e muitas vezes tudo isto é uma ilusão». Mesmo assim, fazem orelhas moucas. Depois, o resultado é andarem a rondar a nossa Casa para dormir, encontrar algo para comer, vestir...

Espero que tomem em consciência este mau incentivo e tirem da ideia tal coisa. Tudo para bem de todos.

DESporto — Tivemos um encontro entre «rivais» que mais parecia um jogo treino. O primeiro da época, com um empate a duas bolas. A Casa do Gaiato do Tojal, em Loures, teve a felicidade da má preparação em que ainda se encontram os nossos pupilos. Como o futebol tem destas coisas, o melhor é não alterar nada, pois melhores dias hão-de vir.

Treinamos com sérias dificuldades devido à falta de bolas. O mais agravante é apresentarmos-nos com o equipamento nas piores condições, diante dos nossos adversários.

Como diversas vezes o tenho feito, apelo aos nossos amigos leitores que nos ajudem a reconstruir o que começámos, para que a rapaziada se sintam bem, com um aspecto digno de louvor.

César Amante

Paço de Sousa

LAVOURA — Já fizemos a desfolhada do milho. Como sempre, é com uma máquina moderna, própria. E, juntando a brincadeira às espigas, ganha-se o gosto ao trabalho. Também o silo já está repleto. Com uma máquina moderna própria para cortar o milho e esmagá-lo, fica cheio em pouco mais de dois dias.

NICK — É o nome do cão que temos. Passa connosco todo o dia. Brinca e faz brincar. Ele já é um bocado grande, mas nem assim os pequenos têm medo dele, à excepção do Bruno e do Júlio, os «Batatinhas» mais pequenos.

Anda por todo o lado; até «reza» o Terço connosco! Todos os dias, às 18,30h, ronda o cruzeiro, às vezes até se senta no meio da malta!

DESporto — Defrontámos, em 9 de Novembro, uma equipa de Miragaia. Um jogo agradável de seguir, pois os visitantes nunca se remeteram à defesa.

A nossa equipa está em renovação e metade dos jogadores nunca tinham jogado pela equipa A. Por isso, tivemos muita dificuldade no entrosamento entre os sectores: defesa, meio campo e ataque.

O jogo terminou com um empate, 3-3, embora nós estivéssemos sempre em vantagem.

VISITAS — Houve muitas visitas no fim-de-semana que antecedeu o dia de S. Martinho, em Penafiel. Excursões de vários pontos do Norte.

A Aldeia ficou repleta de Amigos que gostaram de estar connosco e prometeram voltar para o ano, se Deus quiser!

Ludgero Paulo

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No dia 30/9/86 fez dois anos que está a funcionar com casais gaiatos. O balanço destes dois anos, não podemos dizer que não foi bom, mas gostaríamos de dar um pouco mais. As carências são muitas. Os casais que trabalham na Conferência, por vezes, nos dias de reunião, chegam desolados e com vontade de desistirem porque o nosso trabalho não tem sido muito fácil.

Aquando das nossas visitas aos Pobres, por vezes eles não correspondem à nossa colaboração e sentimos uma certa frustração. Por isso, temos pedido muito, nas nossas orações, que Pai Américo nos guie nesta caminhada. Os pedidos são muitos, não podemos atender todos os Pobres porque não temos confrades. Aproveitamos esta crónica para apelar aos casais gaiatos que estejam interessados a colaborar connosco, que nos procurem no Lar todas as quinzenas da venda de O GAIATO (sábado, às 21 horas).

Da última visita que fizemos, a senhora Rosa Santos pediu livros para os filhos. O dinheiro não chega. Nós, pais, sabemos muito bem quanto custam os livros escolares. Mas casos como estes têm surgido sempre na abertura das aulas. Por este motivo apelamos aos nossos leitores que nos deem uma ajuda para que o sofrimento seja minimizado a estas mães, que têm necessidade de uma melhor educação para os filhos.

Como se aproxima o Inverno, e as crianças são muitas e as roupas muito poucas, agradecemos a vossa colaboração na oferta de roupas e calçado de criança, cobertores e lençóis.

Em nome de todos os irmãos necessitados, o nosso muito obrigado pelas ofertas que nos têm sido enviadas.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Recebemos roupas do assinante n.º 26072. 500\$00, do assinante 11182. Por graça obtida, 1.000\$. 5.000\$00, «migalhinha para ajudar as contas em atraso. Deus vai ajudar o Augusto e a Germana. Um abraço». Anónimo, no Lar do Porto, 2.000\$00. Assinante 35968, um vale de 1.000\$00. De Elizabeth, 500\$00 para ajuda dos medicamentos dos nossos irmãos.

Casal Vicentino

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A jovem mãe traz o filho ao colo. Na face, transparece a palidez dos maus tratamentos em albergarias de certas ilhas do grande Porto — e não só.

— Não quero pedir comer. O meu home ganha o suficiente, graças a Deus.

Escutamos. Em silêncio. Ouvintes da voz dos sem-voz.

— Não peço pão. O meu home ganha p'ra nós. Q'ria mas é uma casinha limpa pròs meus filhos. Está a ver? Isto é uma corte! Ratos por todo o lado...!

Acaricia o bebé. Continua a desabafar:

— Há pouco tempo, o meu home fez um poço, numa obra, com a promessa de nos arranjar um barracinho. Pagaram o trabalho..., mas faltaram à promessa!

Os olhos da mulher humedecem — por se não concretizar o sonho justo.

— Quero criar bem os meus filhos — e não posso! Estamos fartos de procurar uma casita barata, que chegue prò ordenado do meu home — e nada; não encontramos nada! Ajustamos preço e vêm logo outros oferecer mais! A gente não chega lá...

É verdade: muita gente se diz preocupada com as cidades de barracas, a clandestinidade, etc. Calamidades geradas só pela falta de habitações.

O grito angustiante desta mãe jovem (que sente, no corpo, a tragédia dos barrados) é uma condenação. A sua voz, junta à de milhares pelo País fora, que não transpiram da bairuca (e sofrem martírios insuportáveis: «vivemos nesta corte, são ratos por todo o lado!»), clamam por habitação social — o problema número um de Portugal!

Há regiões — o Vale do Sousa como exemplo — onde os Autoconstrutores, motivados pelo Património dos Pobres, foram amenizando as carências desde a década de 50. Agora, não! É já uma quase utopia meter mãos à obra: por falta de terrenos urbanizados e a preços compensadores; pela taxa de juro dos empréstimos, ditos bonificados; pelos salários comidos pela inflação; pela sutileza de legislação em catadupa, etc. Uma grande desmotivação!

Particularmente nas regiões intermédias (é o caso), prolongamento de dormitórios do grande Porto, a solução para as famílias que vivem da sua jorna — na falta de incentivos à Autoconstrução — é a habitação social (tantos montes por desbravar!...) com a hipótese de propriedade resolúvel: poder a moradia, futuramente, pertencer ao utente. Deveriam evitar os caixotes de betão, talvez economicamente mais em conta, para o trabalhador ter um pequeno quintal, capoeiras (autoconsumo...), jardim da mesa, da casa — a exemplo dos Autoconstrutores. Que importa a careza? Há riquezas... no Homem. — nos Pobres — que valem infinitamente mais do que as caixas fortes do banco emissor!

PARTILHA — Assinante 25881 com uma «migalha» — assim afirma — para chegar «mais ou menos quando faço anos de casada»; e adianta o seguinte: «O Senhor me ajude a ser mãe e filha e a esposa que os meus familiares tanto merecem». Que bem!

Assinante 18245, de Avis (viva o Alentejo!), 1.000\$00. Remanescente de contas do assinante 26259, de Tomar. 500\$00 da assinante 36256, de Viana do Castelo, em carta repleta de pertinentes considerações sócio-espirituais. «Uma pequena ajuda» para um problema indicado nesta

coluna, pela mão do assinante 26983, de Vila Nova de Gaia.

A generosidade, sem limites, da assinante 31104 — que «ajuda quem precisa»; e justifica: «O necessitado seja lá do que for, pois também há necessidades de alma, tem uma aspiração: que lhe acudam».

Do Nordeste, melhor, de Estevas da Vilariga, um abonado cheque para «as necessidades da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Outro, bem abonado também, da assinante 113, do Porto, em memória do falecimento do Pai, que assinala: «A leitura d'O GAIATO faz-me sempre muito bem. Por vezes é uma campanha que toca a rebatê». Demos graças a Deus!

Com «um abraço» — retribuído na mesma proporção — um cheque «em desconto dos meus pecados» (quem os não tem?!). «Nesta época em que recordamos os nossos defuntos e os nossos santos» — acrescenta este Amigo — «penso que devemos cuidar também dos vivos».

Mais Porto: vale postal da assinante 13329 — para ser distribuído «como entenderem». Caridade perfeita!

A «Maria de Portugal», portuguesa como é, não falha com 2.000\$00, relativos a Novembro e Dezembro. Fica «nessa pequena migalha, certa de que o desmedido desejo também é oferta que Jesus acolhe com amor». Ele é o Amor. Ele é o Mestre!

Assinante 26152, da Foz do Douro, um vale de correio «para a necessidade mais urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e para uma Viúva necessitada que tenha filhos. Migalhinhas por alma de meu Pai».

Pela mão da assinante 22059, do Porto, 1.000\$00 em memória dum Vicentino que Deus haja: «Durante a vida praticou a Caridade, ajudando sempre os mais carecidos». Está no Céu!

Dois presenças de «uma portuense qualquer», relativas a Setembro e Outubro, «pedindo ao Senhor Deus que aceite esta minha insignificante colaboração, na rectaguarda, e me ajude a ser perseverante». Uma oração!

O costume da assinante 19177, da capital do Norte, muito certinha. Mais 500\$00, num sobrescrito sem mais, entregues no Espelho da Moda (Porto). Aqui, também, «Uma Amiga» entrega o dobro — «pequena ajuda», como diz — e acrescenta: «Com a vida tão cara, até para o pão é pouco! Avalio bem as dificuldades de uma mãe necessitada em dar aos filhos, no dia-a-dia, a alimentação que eles precisam».

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Temos pálio na nossa procissão de hoje! Um sacerdote, de Ermesinde, leva o Senhor! Eis como ele entrou:

«Comecei a receber a minha pensão de 3.ª idade, vou distribuí-la pelos Pobres. Aí vai o primeiro dinheiro recebido.»

Não é lindo este começo?! A seguir, para nossa alegria, vêm os noivos da última procissão. Felizes que eles estão! E bonitos! Vede: «Aqui vão os primeiros 200 contos da importância prometida — para acabar a casa dos nossos noivos, conforme dissemos eles pagarem quando e como puderem». Assina «um casal de Lisboa». E logo, como grinalda de lindas

A G O R A

flores, surge um grupo de Amigos a dar ajudas para que o sonho da casinha acabada se torne realidade. E vai ser.

Assim: «Junto uma pequena migalha para ajuda. Vivo da pequena reforma de meu marido e minha, mas graças a Deus vou vivendo». Outro: «Estava a ler O GAIATO que, como de costume, comprei à porta da igreja de Cedofeita, quando vi o apelo que nos fez a favor de dois jovens que querem terminar a sua casa. Aqui vai a ajuda». Os nossos amigos M. da Piedade e A. Carlos: «Uma gota de água! E que Deus os abençoe no passo que vão dar. Desejamos que sejam tão felizes como nós temos sido (já lá vão 10 anos). Deus não nos deu filhos, se calhar para podermos valer aos dos outros; se for isso, damo-nos por satisfeitos». O Luís António: «Mais um grão de areia, mas que seja motivo para não desanimarem e levarem até ao fim os seus intentos». Mais uma telha para o casal de noivos, duma assinante de Coimbra. A assinante 14802: «Ter casa própria — um sonho que nunca pude realizar... Por isso sinto imensa satisfação em poder, com a minha migalha, dar alegria a quem tanto deseja». Tão nobre! São estes factos que constroem o mundo!

Vem agora a Maria Helena com 25 contos para a «Casa Deus conosco» e este poema: «Oxalá o Senhor das bodas de Caná use de Misericórdia para com esses noivos, servindo-se do contributo de todos nós para transformar as suas afli-

ções de hoje em alegria e felicidade amanhã». O assinante 24372: «Mais uma ajuda. Muito admiro os que pelo seu trabalho conseguem ter a sua casinha».

Segue a nossa procissão com a assinante 30716: «2.500\$00 para aquela viúva que vive com seis filhos num pobre barraco». Mais 4.500\$00 para o Património dos Pobres, da assinante 13608.

Natércia, de Gaia, 5.000\$00 para os Autoconstrutores. E vem o casal M. Castro com oito contos. «Para que Deus nos dê o gosto de vermos o nosso lar construído, enviamos esta pedra para ajudar outros que, como nós, sonham com a sua casinha». Pura sensibilidade cristã! Como sempre, presente a prestação de M. M. — A. L., de 10 mil. E a «Casa Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo», 20 mil. «Mais duas migalhinhas para a «Casa da Paz» (de M. M.): Creio que fica em 410 mil. Bendito seja o Senhor que me permitiu chegar até aqui.» Entregues ao Padre Luiz, no Restelo, 20 mil para o Património dos Pobres. Veio, de Castelo Branco, a «Agência Malanje» com 30 mil. Mais Maria Rosalina, de Vilar do Paraíso, com 10 mil.

Bem-vindos os anónimos no Espelho da Moda, Lar do Porto e por carta. A presença amiga de Maria do Céu, do Porto. Conosco, também, as irmãs do Externato da Paz. Amiga, no dia do aniversário do pai, com 10.800\$00. Maria Morais: «Com muito carinho junto uma migalhinha para os Autoconstruto-

res». O António David e Maria José: «Porque andamos a construir a nossa casa e sabemos a alegria que isto nos traz, enviamos cinco mil para ajudar algum gaiato na construção da sua própria habitação». Semeadores de alegria! Mais o amigo B. Leitão para que o nosso gaiato possa abreviar a construção da sua casa.

Do Padre Virgílio: «Faleceu minha irmã que deixou 90 contos para ajudar a construir uma casa de família pobre». «Por alma de meu falecido marido, A. Xavier, uma ajuda à Autoconstrução.» Dr. Saraiva, de Gaia, três mil para o Património dos Pobres. De Caldas da Rainha, vem a Maria da Conceição com uma ajuda para o «gaiato aflito». Tam-

bém, sempre conosco, a Dr.ª Felicidade com a costumada ajuda aos Autoconstrutores. Amigo M. Rosário André — para minorar as despesas daquele casal jovem.

Ainda presentes, nesta nossa procissão de hoje, os assinantes: 31731, 113, 23927, 35408, 11563, 13841 (Casa do João e da Judite), 33090, 21187, 20517, 17062 e 30524.

Vai longa a nossa caminhada com o Senhor e os Irmãos! Estamos felizes, pois as presenças e os testemunhos maravilhosos são uma alegria e apoio mútuos.

Vamos terminar com um beijo cheio de ternura que todos vamos dar a uma empregada doméstica que chegou, agora:

«Sou empregada doméstica com 50 anos de serviço na mesma casa. Tenho 75 anos. Trago 100 contos para as casinhas dos mais pobres, que são as economias da minha vida inteira de trabalho!!! Em silêncio... beijemo-la e louvemos o Senhor.

Padre Telmo

SER POBRE!

Foi criada de servir desde muito nova. Filha de gente humilde e trabalhadora comeu o pão amassado com o suor do seu rosto. Era poupada. Sempre com a preocupação de nunca gastar mais do que o que ganhava, foi criando hábitos de «pôr de lado» o pouquinho que lhe podia vir a fazer falta em momento de aflição. Assim se fez mulher.

Não conheceu a miséria. Ser pobre não é ser miserável. A pobreza que é fonte de bem estar social nada tem a ver com a miséria. Nem a riqueza por si só é fonte de bem estar social. O coração pobre, sim, é feliz e motor de felicidade.

Os bens são meio; são caminho; são instrumento de vida feliz só na medida em que servem a felicidade dos Outros. Quando alguém fez esta experiência descobriu um valor pelo qual vale a pena dar a vida. O único! E é por isso que nos encontramos com homens bons, independentemente do seu credo; mulheres dedicadas à causa do bem dos Outros; jovens que vivem, apaixonadamente, servindo — porque descobriram que o único Valor pelo qual vale a pena gastar-se, é fazer os Outros felizes. Estes são os Pobres. Encontramo-los em todos os estratos sociais.

Estas verdades pertencem ao número daquelas que só se entendem, experimentando.

Voltemos ao caso da nossa criada de servir. Agora é senhora. E com letra grande — Senhora! Porquê? Porque deu. Porque se deu. E deu do que lhe fazia falta; mas não sentiu a falta do que deu, porque recebeu imensamente mais: a alegria de ter dado. Não se fala em muito ou pouco. Deu! Entendeu que o que tinha

amealhado com tanto trabalho, por caminhos de vida honesta e simples, de cara levantada, não era só dela. Era feliz, sim. Mas sentiu-se na obrigação de partilhar com os Outros a sua felicidade.

E veio. E entregou seis dezenas e meia de milhares de escudos. Tudo com muita simplicidade. Com o ar senhorial que é nota de um coração pobre.

Estes fazem o mundo feliz. São os verdadeiros donos do mundo, verdadeiros senhores do mundo. Digo verdadeiros, porque outros aparecem e chamam a atenção. Enchem noticiários e ocupam colunas dos jornais. Mas não fazem o mundo feliz. Só o Pobre tem o segredo. Ser Pobre! Dai-me, Senhor, um coração pobre!

Padre Manuel António

Novos Assinantes de O GAIATO

Não arrefece o entusiasmo dos intervenientes na procissão de novos Assinantes!

Mangualde:

«Tenho lido O GAIATO através dum familiar e tem-me despertado muito o trabalho da Obra da Rua, que já conhecia. Gostaria de receber O GAIATO...»

Tenciono fazer uma visita à Obra da Rua com os meus fi-

Cont. na 4.ª pág.



DOCTRINA

Esta forma de pedir é maneira divina de dar

● No fundo da nota da outra semana, pedimos roupas de fora; peças estas que, por muito uso, já caíram no reparo inteligente da boa dona-de-casa. Não que o mundo possa reparar no vestir de teus filhos ou marido, muito menos prosápia de condição social. Nada disso. É única e simplesmente o sentir a responsabilidade de ter duas túnicas em casa e ser obrigado a dar uma ao vizinho que não tem nada, como ensinou o Precursor de Jesus Cristo, no limiar do Evangelho.

● A força deste ensinamento tem dado notícia às consciências cristãs de todos os tempos, sobre o valor dos bens do mundo e da necessidade de os repartir para que todos tenham um nadinha de seu e ninguém passe fome injustamente. Por isso mesmo, aquelas peças de fora que me vais enviar na volta, são gotas pequeninas que se desprendem, não do que tu tens, mas sim do que tu és — alma cristã bem formada. E, dest'arte, sempre muito alegre no pouquinho com que ficas, ganhavas o Céu a brincar, com conforto, sem privações — bilhete de primeira-classe. Manda o que tiveres, sem olhar a tamanho nem feito, que o corpo dos Pobres cabe em todas as roupas!

● Também peço uma camisola de lã para um Amigo que eu tenho, sem família nem ninguém, nas grilhetas da cadeia. Olha a tra-

Cont. na 4.ª pág.

VIÚVAS

Há seis anos, publicámos n'O GAIATO uma série de trabalhos sobre o MEV (Movimento Esperança e Vida), de raiz cristã, que associa 7.200 Viúvas portuguesas e tem normas de vida e realizações programadas, pelo seu conselho nacional, de apoio humano e espiritual — especialmente às Viúvas mais recentes.

A coordenadora do MEV, na diocese do Porto, sublinha a necessidade de ele «ser mais conhecido e passar a ter maior expansão (a nível diocesano e nacional) como ajuda maior às Viúvas jovens»; justificando também — segundo as estatísticas do nosso País — que, anualmente, cerca de 28.000 mulheres ficam Viúvas e cerca de 13.000 homens, Viúvos. Números expressivos, em relação à população nacional!

No entanto, acentuamos os

graves problemas humanos e psicossociais da crise da Viuvez — no mundo dos nossos dias — para os quais desde sempre alertámos n'O GAIATO, face à multidão de Viúvas pobres tão esquecidas pela comunidade nacional!

Por isso, o MEV não descarta os direitos sociais das Viúvas junto das altas instâncias oficiais. E, recentemente, na diocese de Lisboa, promoveu um curso de formação para 60 responsáveis de todo o País que reflectiram em cinco temas: «A crise da Viuvez como risco e oportunidade»; «As fases da crise da Viuvez e a sua evolução»; «Atendimento e apoio em cada fase»; «O processo de enlutamento dos Apóstolos»; e «Passos para um projecto de vida na Viuvez».

As Leitoras d'O GAIATO — interessadas no Movimento — poderão dirigir-se à coordenadora diocesana do MEV, no Porto: Rua Eugénio de Castro, 426 — Hab. 12 — 4100 PORTO.

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

«É preciso construir nas proximidades, da nossa Aldeia um bairro de casas limpas e humildes para garantir a vida dos Rapazes de boa vontade. A sua necessidade não se discute.» (Pai Américo)

Todos sabemos da gravíssima expressão do problema habitacional e do elevado déficit do respectivo, porque — em ordem ao alojamento dos sem-casa ou vivendo em partes delas ou em barracos imundos ou em edifícios degradados — pensamos que está aqui uma das questões mais importantes a ter em conta pelos poderes públicos centrais, pelas autarquias, pe-

los estabelecimentos de crédito e de seguros, bem assim pelas entidades privadas, empresas e particulares. O assunto, por eminentemente social, a todos diz respeito.

Já nestas columnas citámos que «a casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho dos passarinhos». Pai Américo completa o seu pensamento, acrescentando: «Sem ela (a casa), sua ou à mão, o homem sofre. O seu sofrimento, por injusto e imerecido, causa a desordem». Muitas infelicidades e desregramentos morais têm aí a sua raiz. A promiscuidade moral e física, a ausência de intimidade familiar, a tendência para a rua ou para a taberna, que resultam dos pardieiros ou similares, estão longe de poder ser traduzidas estatisticamente. Realmente, sem casa ou com arremedo dela, a desordem aparece e o homem sofre. Com ela, digna e capaz, quantos crimes se evitariam e quantos desastres familiares deixariam de ter lugar?

Nunca será demais tudo

aquilo que se possa fazer no sentido de facilitar o acesso a residência própria ou em condições razoáveis de aluguer. Crédito acessível, facilidades para as cooperativas de habitação, ajuda aos autoconstrutores são medidas exigíveis aos poderes de decisão, sem peias burocráticas cerceadoras, supostas exigências mínimas de dimensionamento e de sanidade. Projectos-tipo gratuitos, saneamento básico garantido, terrenos vendidos a baixo preço, além de outras facetas impulsionadoras, poderiam e deveriam ser lugar comum. Com o muito que se desperdiça e gasta em coisas supérfluas ou sem sentido se poderiam colmatar ou minimizar, neste, como noutros sectores, extensas lacunas.

Temos, como sabeis, bem perto desta Casa, um terreno adquirido para a construção de casas para os nossos Rapazes que vivem em condições precárias ou aspiram legitimamente a constituir o seu lar e não encontram, pelo elevado custo das rendas, «ninho» compatível

com as suas posses. No primeiro trimestre deste ano iniciámos diligências junto da Câmara Municipal de Loures para o loteamento do terreno em causa, mas uma vez que a solução envolve aspectos de conjunto, ainda não se conseguiu luz verde, apesar, é bom acentuá-lo, da boa vontade manifestada pelos Responsáveis da Edilidade. De qualquer modo, daqui lançamos um apelo ao Senhor Presidente da Câmara de Loures para que tome viável, logo que possível, o pretendido. Assim, de mãos dadas, contribuiremos para que 30 a

40 famílias encontrem alojamento condigno.

«Filhos criados, trabalhos dobrados» é expressão do Povo muito do agrado de Pai Américo. Ao procurarmos ajudar a construir casas limpas e humildes, para garantir a vida dos Rapazes de boa vontade saídos da Obra, temos a consciência de fomentar o bem estar social, honrando o legado que Pai Américo nos transmitiu, de servir, quando se aproxima, celeremente, o centenário do seu nascimento.

Padre Luiz

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

ça a roer as tuas coisas; e, no fim, os vermes o teu cadáver! Só no Céu vingas a tua fortuna e o teu coração. Amontoa Lá, dando na terra aos Pobres.

● Cobertores! Este ano, tão altos no preço que somente o muito temer o frio em casa dos Pobres é capaz de os lançar abaixo das prateleiras. Peças caras como são, não se podem entregar à miséria descomposta que costuma resolver seus casos às portas do «prego», para mais ensarilhar a vida. Não!

● Quantas vezes a gente não passa à porta destas vidas, fingindo não querer entrar; e deixando pertinho delas o coração inteiro, como faz o médico aos doentes que não pode curar! Varamos estas casas onde o Evangelho não pode ser pregado, sem primeiro remover injustiças; passamos rentinho a elas, a ruminar coisas e a engolir lágrimas; e vamos deixar o cobertor mais além, naquela cama composta que o do ano passado, muito limpo, passou para a dos mais velhos.

● (...) Como estás vendo, leitor, temos hoje a Sopa de Inverno — roupas, lãs, cobertores — a pedir o Inverno dos Pobres. Outros, nestas alturas do ano, terão já feito o Inverno dos ricos, trazido de Paris e de Londres em figurinos de alto corte. É um Inverno muito frio que pede muito agasalho, muitos cuidados, muito dinheiro. O meu não é assim; é o Inverno da gente pobre, mais temperado, muito suave, que Deus dá o frio conforme a roupa e as suas migalhas aquecem.

P. Américo

(Do livro Pão dos Pobres - 1.ª vol.)

NOTAS DO TEMPO

Cont. da 1.ª pág.

desejada — mas que são, apesar de tudo, o apoio mais à mão e mais proporcionado às suas posses que o pobre lavrador tem e ao qual apela.

Quando é que estes pequeninos clamores chegarão aos ouvidos dos centros de decisão onde se opta por grandes planos, tardios no chegar ao proveito do povo enquanto estas medidas modestas podiam ser praticadas já, sem grande ónus — creio — para os orçamentos de milhões e milhões?!

■ A Autoconstrução é outro campo que, nas experiências dos franco-atiradores que a ela se têm dado, já deu provas, mas ainda não teve dos altos poderes a atenção que merece.

É outra realidade pequenina que não proporciona grandes fachadas, mas vai realizando esta dupla e importantíssima missão: prover de casa própria uma Família e prendê-la à terra pela desmotivação que constitui a tentação de emigrar para os grandes centros.

Portugal é uma barca que, se não estiverá bem fixa ao continente, já teria virado, tanta a debandada do estibordo interior para o bombordo litoral. É problema antigo que O GAIATO sempre encarou de frente sem nunca lograr das altas instâncias medidas de fundo.

E afinal tão pouco se pede! Não são grandes financiamentos, mas facilidades resultantes do desatar da meada burocrática que enreda os valentes que à Autoconstrução se lançam. Facilidades na aquisição de terrenos. Delas na obtenção

de projectos e licenças de construção; na aprovação de loteamentos sem aspirações utópicas de perfeição mas com as exigências mínimas de salubridade e estética pedidas por qualquer acto urbanizador. Em vez disto o que, pelo absurdo, se tem promovido, é a clandestinidade com todo esse cortejo triste de todos sabido.

Vem aí o centenário de Pai Américo. Mais do que ninguém, não suportamos que se tivesse o atrevimento de o politizar. Mas que a propósito dele, das linhas de força que pelo seu amor ao Próximo ele traçou e deixou em jeito de serem prosseguidas, alguém com voz nas magnas Assembleias levante o problema e lhe procure uma legislação que não venha enredar mais, mas efectivamente desfaça a teia.

Pois não seria este um bem concreto e excelente ponto de programa a assumir pela Câmara de Penafiel como pioneira significativa, já que no seu concelho teve berço o grande pioneiro de tantos bens que foi Pai Américo?!

■ Parece que se deu conta, finalmente, de que a Escola, nos últimos anos, não tem ensinado a ler nem a escrever nem a contar.

Para quem é do tempo da tabuada, são incríveis de ridículo os artificios com que as crianças de agora (não) aprendem a fazer contas, nem se exercitam no raciocínio necessário aos mais elementares problemas.

Privilegiar o uso da inteligência sobre o da memória — inteiramente de acordo. Mas privilegiar desequilibradamente

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pág.

lhos. Acho que todas as crianças a deveriam conhecer, pelo menos aquelas que desconhecem a necessidade e os obstáculos.»

Carcavelos:

«Segue um vale de correio para mais uma assinatura angariada por minha mãe. Teve a visita de uma amiga, mãe dum rapaz de 17 anos, e como já tem sucedido, fez dela assi-

nante d'O GAIATO, forma que idealizou para dar a conhecer a Obra do Padre Américo.

Que o bom Deus vos abençoe e vos ajude.»

Castelo de Paiva:

«Recebi o Cantinho dos Rapazes e peço desculpa por não ter enviado a importância para saldar a dívida.

Quería fazê-lo, acompanhado de alguma nova assinatura. Ela aí vai, mas o meu desejo era obter mais algumas. Espero não esmorecer neste desejo e Deus queira que proximamente envie mais algumas.»

Para além dessa pequenina amostra e doutras legendas colhidas na procissão — que o espaço não dá para mais — acentuamos a presença de 17 novos leitores de Vale de Santarém e 10 pela mão dum Amigo da Sobreira (Paredes).

Agora — e finalmente — como é costume, as terras lusas e estrangeiras donde procederam os novos Assinantes d'O GAIATO, recentemente inscritos: Porto, Lisboa, Coimbra, Sintra, Odivelas, Alhandra, Fânzeres, Murtal, Queluz, Figueira da Foz, Curia, Braga, Rio Tinto, Portimão, Montijo, Brejos do Assa, Setúbal, Algezu, Alcochete, Lamego, Degraças, Assafarge, Sacavém, Bitarães (Paredes), Sabrosa, Pousos (Leiria), Póvoa de Varzim, Brandoa, Escapães (Feira), Portalegre, Sesimbra, Sines, Covilhã, Vila Nova de Gaia, Valongo, Palmilheira (Ermesinde), Valbom (Gondomar), Vila Nova de Ourém, Cedóvim, Meda, Ribaçaís, Termas de S. Vicente, Vila Nova de Foz Côa, Penedono, S. João da Madeira, Ribeirão (Famalicão), Cacém, Oeiras, Moscavide, Pedrome, Santo António dos Cavaleiros, Cidai, Maia, Azurara, Carvalhos, Benguela e Luanda — Angola, Epinay — França, S. Paulo e Bambui — Brasil, Annandale — América do Norte, E Olmedo, Valladolid — Espanha.

Padre Carlos

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel